

## **Rompendo os silenciamentos coloniais no Ensino de História: a Revolução Haitiana a partir dos quadrinhos “A Revolução que deu origem ao Haiti” de Laurent Dubois e Rocky Cotard**

Taíse Staudt

Orientadora: Profa. Dra. Cíntia Fiorotti Lima

### **Resumo:**

Este artigo busca eleger alguns diálogos no que diz respeito ao silenciamento que envolve a Revolução Haitiana dentro do Ensino de História no Brasil e elaborar uma possibilidade de caminho de diálogo a partir de um plano de aula. Para falar sobre esse problema educacional, inicio realizando uma explanação do movimento de Revolução que ocorreu no Haiti entre 1791 e 1804, demonstrando a importância histórica do evento no que concerne ao rompimento com o sistema e violência colonial e como este sistema organiza posteriormente diversas maneiras de boicotar o país independente que surge, liderado e composto por ex-escravizados africanos e afrodescendentes. Observo como a temática da Revolução haitiana é citada na Base Nacional Comum Curricular e consequentemente suas aparições em livros didáticos. Por fim, sinalizado o silenciamento e a pouca informação sobre os eventos e entendendo este movimento como um plano colonial de silenciamento dessa Revolução, elaboro, a partir da História em quadrinhos “A Revolução que deu origem ao Haiti” de Laurent Dubois e Rocky Cotard, uma possibilidade de plano de aula para trabalhar a temática com 8ª ano do Ensino Fundamental. Os resultados da pesquisa revelam a continuidade do colonialismo sobre os países latino-americanos e caribenhos e a forma como ainda direciona como conteúdos serão trabalhados em sala de aula. Também é possível perceber a necessidade de trabalhar a Revolução Haitiana de forma mais detalhada em sala de aula, pela sua importância na história das Américas e pela sua importância simbólica. Por fim, é revelada a necessidade de maior acesso a diferentes formas de materiais didáticos sobre o período e maior relevância da Revolução nos processos de formação de professores de História.

### **Palavras-chave:**

Revolução Haitiana, Ensino de História, Material didático, Colonialismo.

## Introdução

Onde fica o Haiti? É um país do continente africano? O que tem por lá? Miséria, fome? Existem carros? Existem universidades? E escolas?

Durante a minha caminhada de pesquisas em torno do Haiti, dialogando sempre com a comunidade haitiana que vive no Brasil, eles e elas relatam que é bastante frequente que recebam esse tipo de perguntas. Existe no Haiti algo para além daquilo que é midiaticizado, de um país extremamente pobre?

A recente aproximação entre Haiti-Brasil traz à tona debates que não podem mais ser deixados de lado - nunca puderam, mas deixamos -, em torno do Haiti, da relevância do país para a América Latina e do silenciamento colonial que ainda persiste sobre o país, colaborando para essa desinformação internacional em torno dele, estigmatizando e reduzindo o Haiti a um lugar de incertezas e de fome. Como cita uma entrevistada haitiana que vive no Brasil, não é que não sejam duras verdades da realidade haitiana, mas o Haiti está muito longe de ser apenas isso<sup>1</sup>.

Parto um pouco da minha experiência com o tema nesta parte introdutória da pesquisa, pois é dela e das inquietações que carrego, que o tema desta investigação surge. Sou uma brasileira, nasci no oeste de Santa Catarina em uma cidade de cerca de 10 mil habitantes, onde realizei toda a minha educação em escolas públicas. Com a abertura da Universidade Federal da Fronteira Sul em Chapecó, em 2010, tive a oportunidade de acessar uma universidade pública e de qualidade. Ali, no segundo ano do curso de Licenciatura em História, em uma disciplina de História da América II, foi que ouvi falar um pouco sobre o Caribe e foi quando soube, através de um seminário, sobre a história e Revolução do Haiti. Nunca vou esquecer o choque de descobrir que uma população escravizada, na América, venceu a guerra contra os colonizadores e formou a primeira e única república negra da América. Lembro de perguntar para colegas se eles conheciam o Haiti e essa História da Revolução, e a maioria respondia que também estava descobrindo ali.

Toda a História dos países da América eram novidade para nós, pois no ensino básico estudávamos (e ainda, na maioria das vezes) toda a perspectiva eurocêntrica da História, o que dava pouco tempo para pensarmos nós mesmos como latino-americanos, e quando estudávamos a América, era a partir da chegada dos Europeus e da sua

---

<sup>1</sup> Realizei duas pesquisas onde trabalho com entrevistas a comunidade haitiana que vive no Brasil. A primeira delas, como trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em História, agora publicada como livro, denominada "Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil" e a dissertação de mestrado, denominada "Senhores do Orvalho" na Bagagem: a literatura nas experiências de haitianos no Brasil". As referências completas estão listadas ao final.

perspectiva. Mas de todas as novidades da América que descobri na graduação, a Revolução Haitiana foi o que mais me surpreendeu e o que me fez perceber o quanto não sabia sobre a América e, principalmente, sobre Caribe. Realizei um retorno reflexivo às minhas aulas de História no ensino fundamental e médio, tentando perceber se havia passado despercebido por mim esse evento. Percebi que sabia muito sobre a Revolução Francesa, que havia estudado várias aulas sobre isso, mas nenhuma memória sobre a Revolução Haitiana, sobre seus líderes, Toussaint L'Ouverture ou Jean-Jacques Dessalines. Sabia muito sobre Napoleão e suas guerras, mas nada sobre ele ter perdido o conflito contra negros escravizados que lutaram com suas enxadas e facões, no Haiti.

A magnitude da História do Haiti, tanto por como se deu o processo de colonização no Caribe, quanto pela organização da Revolução, as estratégias e organização, quanto o seu significado para a América colonizada e os reflexos da colonização ainda visíveis atualmente, dão a essa História uma relevância mundial para entender a modernidade e a contemporaneidade. E por que esse silêncio? Não é apenas na educação básica: a história do Caribe e do Haiti é pouco acessada também nos ensino superior. Como é possível essa magnitude de História estar invisibilizada e gerar tantas dificuldades de entender o Haiti atual?

Esta pesquisa, a partir destes questionamentos, busca realizar o movimento de entender o processo de Revolução no Haiti, para então observar como se deram - e dão - as estratégias de silenciamento da História e quais os objetivos de silenciar o Haiti. Com base nestas reflexões, a pesquisa busca observar como se dá esse silenciamento na educação básica no Brasil, quais podem ser os motivos e qual o espaço dado à Revolução do Haiti - também conhecida como Revolução de São Domingos - nas diretrizes educacionais. Por fim, como estratégia educacional que busca dar algumas possibilidades didáticas que possam contribuir com o rompimento deste silenciamento, penso um material didático produzido atualmente que podem ajudar professoras/es a desenvolver melhor e de maneira mais assertiva a temática da Revolução Haitiana, para que questionamentos errôneos, como esses do início do texto, ocorram cada vez menos no futuro. Como produto, esta pesquisa elabora um planejamento de aulas sobre a Revolução Haitiana através do livro em quadrinho elaborado pelo historiador Laurent Dubois e o ilustrador Rocky Cotard, produzido em 2018 e traduzido para português em 2020, denominado "A revolução que deu origem ao Haiti".

## **A História do Haiti: a Revolução e resistência no passado e no presente**

Antes de mais nada é necessário então localizar o Haiti, não apenas de forma histórica e política, mas também geograficamente. O Haiti ocupa parte oeste da Ilha de São Domingos, uma das maiores ilhas das Antilhas, e divide o território com a República Dominicana, país com o qual possui desavenças históricas. Banhado pelo Mar do Caribe, é geograficamente próximo a Cuba e Porto Rico. A ilha, batizada pelos colonizadores europeus de Hispaniola, é considerada por aqueles o início do Novo Mundo, já que foi possivelmente o primeiro território americano alcançado pelos navios espanhóis comandados por Colombo. Mas aquela ilha não começava a existir com a chegada dos colonizadores e também mostraria, mais tarde, que fazia questão de existir sem a presença deles.

Anterior à colonização, a ilha era povoada pelos ameríndios Aruaques, população que foi escravizada e dizimada em poucos anos após a invasão de Colombo e das tropas expansionistas espanholas no final do século XV. Já no início do século seguinte, iniciou-se o processo de escravização da população africana na ilha para a plantação de cana-de-açúcar. Após conflitos de disputa com a França pelo território da Ilha, ela acaba por ser dividida e a parte oeste passa a ser domínio francês, em 1697. A partir daí se instaura nela o modelo colonial agroexportador - de monocultura e escravidão - e recebe o nome de São Domingos, se tornando em pouco tempo uma das mais produtivas colônias francesas (MATIJASCIC, 2010).

A manutenção da colônia era extremamente rígida e com uma grande desigualdade social. Muito desigual era também o contingente populacional, pois, calcula-se, no século XVIII, brancos, entre proprietários de terras e trabalhadores pobres, contabilizavam cerca de 40 mil pessoas; os mulatos<sup>2</sup>, 28 mil; a população negra escravizada somava mais de 452 mil pessoas (MATIJASCIC, 2010). Insurgências instigadas por mulatos iniciam-se e são todas as vezes contidas pela milícia colonial, mas passam a desestabilizar a estrutura sólida da colônia e a promover organizações cada vez maiores entre os escravizados. Isso ocorria no final do século XVIII, e quando as estruturas coloniais se tornam fragilizadas em favor da Revolução Francesa que ocorria na metrópole (1789-1799), os negros escravizados, liderados agora por Toussaint L'Ouverture, solicitam uma série de transformações em suas condições, como mudança da posição de escravizados para trabalhadores assalariados (JAMES, 2010).

---

<sup>2</sup>A denominação de mulatos no contexto haitiano é utilizada para representar os mestiços, filhos dos colonizadores brancos com negros escravizados. Esta categoria geralmente não era escravizada e possuía alguns privilégios na colônia, mas não desfrutavam dos mesmos privilégios e direitos políticos dos brancos.

A revolução aconteceu entre 1791 e 1804. O exército dos negros organizou-se em escala nacional e derrotou exércitos franceses, ingleses e espanhóis, incluindo o temido exército de Napoleão Bonaparte. De forma coordenada, queimaram as plantações, que simbolizavam o seu trabalho que seria apropriado pelos colonos, e assassinaram e expulsaram seus senhores, que impunham a escravização e violência. A independência foi concretizada em 1 de janeiro de 1804, representando o primeiro evento de abolição da escravatura na América, a primeira insurreição de negros a alcançar vitória, a primeira e única república negra da América e o segundo país independente do continente.



Obra Slave Uprising, 1979, do artista haitiano Ulrick Jean-Pierre.  
Fonte: <https://haitianartsociety.org/ulrick-jean-pierre-slave-uprising>

Dois elementos culturais desenvolvidos pela população africana e descendente no Haiti foram centrais para a realização da Revolução: a língua crioula e a religiosidade vodu. Ambos são resultados de sincretismos entre elementos trazidos das diferentes localidades do continente africano com o catolicismo e língua francesa, implantada pelos brancos. Através da língua e religiosidade formada entre os negros, foi possível uma comunicação que não pôde ser compreendida pelos senhores e práticas que uniram escravizados, mesmo que de culturas e lugares muito diferentes da África. Os encontros para praticar o vodu foram também os espaços para organizar a Revolução que viria (HANDERSON, 2010).

Os reflexos da Revolução Haitiana para o sistema colonial implantado na América são diversos, pois ela expõe questões que a Europa, como colonizadora, se negava a

pensar. A Revolução expõe a capacidade intelectual, racional e militar dos escravizados, e conseqüentemente sua humanidade, cabendo a estes negros o espaço no centro do universo como os iluministas vinham discutindo, e não no papel de escravizados sem alma e sem razão. A Revolução Haitiana dá novo sentido ao lema da Revolução Francesa reflete “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, demonstrando sua conotação racial e geográfica, pois estes termos não se estenderam aos negros da colônia caribenha, nem mesmo ao grande líder e diplomata Toussaint, que foi preso e morto pelos franceses revolucionários.

Havia um temor eminente que colabora para a estrutura que silencia a Revolução: o medo de que os ideais da Revolta e principalmente, da vitória de uma insurreição negra, alcançasse outras colônias. Chamado de haitianismo, este movimento poderia influenciar outros grupos de escravizados a organizar-se contra seus senhores e acabar com os grandes lucros possibilitados pela estrutura colonial. Estes fatores levaram a um isolamento do Haiti no momento seguinte à sua independência e criando uma estrutura externa de controle e dominação das ideias e da população.

O Haiti como país independente passa rapidamente para uma condição de dependência econômica da França e de outras potências. Além disso, permanece um conflito interno de poder entre negros e mulatos que favorece uma instabilidade política. O século XX continua marcado pela instabilidade que favoreceu a presença de potências estrangeiras, como os Estados Unidos, que ocuparam militarmente o país de 1915 a 1934. Em sequência ocorrem as ditaduras dos Duvalier (1962-1986), eleição e golpe do popular Jean-Bertrand Aristide (1991), missões internacionais e forte presença militar estrangeira. Esta reflexão em torno da Revolução e da instabilidade política e econômica do Haiti no pós-independência é importante para revelar que existe uma dinâmica de controle como resposta à Revolução que venceu as maiores potências imperialistas colonizadoras do século XVII e XVIII, e que os reflexos deste movimento podem ser vistos ainda no século XXI. Na véspera da Revolução, o país era considerado a colônia mais produtiva da França, sendo que no século atual é considerado o país mais pobre do continente. Neste sentido, houve um empobrecimento planejado para o território, de forma a torná-lo dependente e facilitar assim o acesso e controle das potências estrangeiras na forma de neocolonização (HANDERSON, 2020).

Michel-Rolph Trouillot (2016) demonstra como, no imaginário dos colonizadores, era inconcebível a ideia de uma revolta entre os escravizados na ilha de São Domingos, frequentemente citados como obedientes e calmos, pois circulava entre esta elite a ideia de que africanos e descendentes não tinham noção do que significava a liberdade ou

capacidade de formular estratégias para alcançá-la. Mesmo enquanto a revolução já acontecia, ela era inconcebível para muitos contemporâneos na metrópole, não havia situações anteriores à qual compará-la e nem termos para compreender uma revolução escrava.

Neste mesmo caminho foram escritas as narrativas construídas pelos historiadores sobre o evento, com apagamento do fato da Revolução e com o esvaziamento de informações. Estas questões, para o Trouillot (2016), tornaram a Revolução Haitiana um não evento no contexto da historiografia ocidental. Este conceito de não evento desenvolvido por Trouillot é referente a forma como a Revolução Haitiana foi e é silenciada na historiografia ou no ensino de história no ocidente, como não existente ou como um evento não relevante para grandes estruturas internacionais do período. Segundo o autor, é forma de também silenciar e negar no plano da história os temas relacionados ao racismo, escravidão e o colonialismo.

O processo colonizador não deixou passar livremente o conhecimento. Como afirma Aníbal Quijano:

Como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento (QUIJANO, 2005. p.110).

Assim, a produção das narrativas reconhecidas em torno da História do Haiti são as ocidentais, contada pelos colonizadores e estas narrativas, conseqüentemente, defendem a sua posição e o seu sistema colonial. Handerson (2015) salienta que assim como foi negada a humanidade e a memória a população escravizada, as novas formas de dominação negam a produção intelectual e cultural do Haiti, utilizando do silenciamento para manutenção do poder.



Obra Crucified Liberty, do haitiano Ulrick Jean-Pierre (ano não informado)  
Fonte: <https://ulrickjeanpierre.com/gallery>

Neste sentido, o silenciamento que ocorre em torno do Haiti - para além das ideias estigmatizadas - é um reflexo do projeto colonial que busca silenciar uma população que representa, historicamente, uma denúncia ao processo violento da colonização e das suas estruturas de poder ainda enraizadas. A população haitiana, sua política e situação atual são reflexos de um país que foi esvaziado e massacrado pelas imposições de poder ocidentais, e permanece nessa posição enquanto o silenciamento permanece. Neste sentido, trabalhar em sala de aula a Revolução Haitiana e a situação atual do Haiti é uma necessidade enquanto sociedade latino-americana que compartilha das sequelas da violência colonial, mas é também ouvir e dar centralidade às histórias apagadas,



invizibilizadas, invisíveis, como a forma que se realiza com o Haiti e a população haitiana até o presente.

## **O Silenciamento colonial no Ensino de História no Brasil: o Haiti e sua Revolução em notas de rodapé**

Como já refleti com no subtítulo anterior, o processo colonizador não deixou passar livre o conhecimento. Muito pelo contrário, a perspectiva colonial em seu local de poder e dominador a partir da violência, utilizou do conhecimento para perpetuar seus feitos, deixar nos registros históricos - como verdades absolutas- o seu lado da história. Como afirma Chimamanda Ngozi Adichie (2019) em “O perigo da história única”, quando não olhamos com atenção, ou melhor, quando não ouvimos outras versões da história, é fácil acreditar que tudo se deu da única forma contada, a dada “história verdadeira”. Neste sentido, o poder de dominação utilizado pela Europa no período colonial estabeleceu uma história única, excludente, contada de forma que sua ação foi sempre grandiosa, vencedora. Uma história ser contada apenas de uma perspectiva é poder. Como elabora Adichie:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (ADICHIE, 2019) p.[13].

Como esse silenciamento e controle do conhecimento pelo legado colonial pode ser observado aqui no Brasil, no que diz respeito à História do Haiti e de sua Revolução?

Uma das possíveis respostas pode ser a inquietação que me levou a este tema de pesquisa, que apresento da introdução: o fato de descobrir sobre a Revolução Haitiana já adulta, no curso de Graduação em História. Este fato me levou então à reflexão de que, outros sujeitos como eu, mas que não entraram em cursos superiores, ou que não entraram em cursos superiores nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, muitos possivelmente não sabem até hoje sobre a Revolução de São Domingos. No entanto, com toda certeza, a maioria vai lembrar, como eu, de ter ouvido sobre a Revolução Francesa.

Estas inquietações levam a refletir sobre como a Revolução Haitiana e outras situadas na América Latina, são priorizadas no Ensino Básico de História, dentro dos conteúdos programados e do material didático. Onde o Haiti e a Revolução Haitiana

aparecem? Qual a relevância dada a este conteúdo? Quais as informações centrais que são disponibilizadas pelos materiais didáticos?

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento elaborado pelo Ministério da Educação no Brasil, homologado em 2017 para Ensino Infantil e Fundamental e 2018 para Ensino Médio, que tem por objetivo nortear os currículos que serão desenvolvidos em todas as escolas públicas e privadas do país, a temática do Haiti aparece apenas como elemento a ser trabalhado durante o Ensino Fundamental, enquanto no Ensino Médio a BNCC atual não cita o Haiti em nenhum momento.

No ensino Fundamental, a Revolução e o Haiti aparecem como elementos a serem trabalhados na disciplina de História do 8º ano, dentro da unidade temática de processos de independências nas Américas:

<b>HISTÓRIA - 8º ANO</b>	
<b>UNIDADES TEMÁTICAS</b>	<b>OBJETOS DE CONHECIMENTO</b>
<b>O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise</b>	A questão do iluminismo e da ilustração
	As revoluções inglesas e os princípios do liberalismo
	Revolução Industrial e seus impactos na produção e circulação de povos, produtos e culturas
	Revolução Francesa e seus desdobramentos
	Rebeliões na América portuguesa: as conjurações mineira e baiana
<b>Os processos de independência nas Américas</b>	Independência dos Estados Unidos da América Independências na América espanhola <ul style="list-style-type: none"> <li>• A revolução dos escravizados em São Domingo e seus múltiplos significados e desdobramentos: o caso do Haiti</li> </ul> Os caminhos até a independência do Brasil
	A tutela da população indígena, a escravidão dos negros e a tutela dos egressos da escravidão

Em um segundo momento, aparece no formato de Habilidades, que são as aptidões que se pretende desenvolver nesta etapa do ensino, onde consta:

(EF08HI10) Identificar a Revolução de São Domingo como evento singular e desdobramento da Revolução Francesa e avaliar suas implicações.

(EF08HI11) Identificar e explicar os protagonismos e a atuação de diferentes grupos sociais e étnicos nas lutas de independência no Brasil, na América espanhola e no Haiti (BRASIL, 2018. p. 422).

Estes são os amparos que norteiam de que forma e em que contexto a Revolução Haitiana deve ser trabalhada em sala de aula. Analisando brevemente estas passagens da BNCC no Ensino Fundamental podemos perceber alguns pontos importantes: primeiramente que entre as independências ocorridas na América, a Base da determinada relevância para o papel da Revolução Haitiana, sendo ela citada diretamente, enquanto não cita a Cubana, por exemplo. Em contrapartida, o processo de independência dos Estados Unidos ganha um espaço tão grande quanto o Brasil neste contexto, enquanto a haitiana aparece como um adendo, um item que é destacado dentro da América Espanhola, que nem mesmo é o caso do Haiti, já que ele e diversos outros países do Caribe foram colonizadas pela França.

No segundo caso, quanto às habilidades, aparece um elemento para além destes, que vale a reflexão. A habilidade EF08HI10 determina a necessidade de identificar a Revolução Haitiana como um desdobramento da Revolução Francesa, criando a ideia de que sem o acontecimento da Revolução na França, a Revolução de São Domingos também não teria ocorrido. Este item e essa forma de observar o evento histórico pode ser bastante problemático, pois reforça alguns dos estereótipos e principalmente, acaba defendendo o que estamos chamando aqui de História única, contada e voltada toda a partir da Europa. Novamente estamos falando da América Latina como uma consequência da Europa, como se toda ideia e movimento que surgiu aqui só foi possível graças aos europeus.

É importante ressaltar que esta crítica não tem a intenção de negar a influência que alguns ideais da Revolução Francesa possam ter tido sobre o que ocorreu em São Domingos. A discussão busca apenas observar como esta forma de colocar o evento histórico que ocorre na América de forma secundária e consequente ao que ocorre na Europa, é diminuir a originalidade e a atuação da população negra e escravizada. Essa perspectiva desconsidera todas as outras influências que corroboraram para o

acontecimento da Revolução no Haiti, conhecimentos que trouxeram da África, que trocaram com outros povos do Caribe e a própria capacidade intelectual e de organização daquelas pessoas que lutaram. A visibilidade da Revolução de São Domingos passa a ser nessa narrativa, uma revolução europeia na América, mesmo ela tendo sido realizada na América, por pessoas africanas e afrodescendentes.

Toda esta reflexão implica naquilo que estou discutindo: o silenciamento imposto pelo colonialismo. Esta narrativa, da Revolução no Haiti ser uma consequência da Revolução que ocorreu na França, também configura quanto a intelectualidade e a destreza de organizar um evento revolucionário. Como já comentamos aqui, era inimaginável para o colonizador que algo como a Revolução de São Domingos ocorresse pois estava posta por eles próprios uma narrativa de que esta população escravizada não possuía intelectualidade, inteligência - o que era uma forma de justificar a escravização - e desta forma, não se rebelaria pois demandava autogoverno, gestão, organização e conhecimento.

É interessante trazer alguns dados que mostram que, independentemente da Revolução na capital francesa, a organização e trabalho para buscar a liberdade já ocorria no Haiti. Alguns exemplos trazidos por CLR James em “Os Jacobinos Negros”, são as formações dos Quilombos, as grandes estatísticas de fugas, e alguns líderes que emanavam ideias de expulsar os brancos já cerca de 100 anos antes do início da Revolução Francesa (1789):

Aqueles cuja audácia de espírito via a escravidão como uma coisa intolerável e se recusavam a deixá-la pelo caminho do suicídio acabavam fugindo para as montanhas e florestas, onde formavam bandos de homens livres, os quilombolas. [...] E durante os cem anos que antecederam 1789 os quilombolas representaram uma fonte de perigo para a colônia. Em 1720, mil escravos fugiram para as montanhas; em 1751, havia pelo menos três mil deles. Normalmente formavam bandos separados, mas periodicamente encontravam um chefe que era forte o suficiente para unir os diferentes agrupamentos. Muitos desses líderes rebeldes inspiravam terror no coração dos colonistas devido às suas incursões nas fazendas e à força e determinação da resistência organizada por eles contra as tentativas de exterminá-los. (JAMES, 2010. p.34)

A forma como estes conteúdos são programados na BNCC, reflete diretamente na produção do material didático disponibilizado para os professores e alunos, pois este material para ser aprovado busca ao máximo atender aquilo que está presente na Base, tanto em conteúdo como em narrativa. Para observar de forma mais prática, podemos utilizar um exemplo de livro didático que foi elaborado para atender turmas de 8º ano do Ensino Fundamental. Neste caso, utilizo um livro disponibilizado pelo Programa Nacional

do Livro didático (PNLD) em 2020, de autoria de Adriana Machado Dias, Keila Grinberg e Marco Pelegrini da coleção “Vontade de Saber”<sup>3</sup>.

Neste livro, que segue as normas da BNCC já mencionados aqui, podemos primeiramente observar a estrutura do sumário e onde o Haiti aparece.

<b>A Revolução Francesa e o Império Napoleônico } 72</b>	
A França antes da revolução <b>74</b>	<b>Enquanto isso... 83</b>
A crise econômica e administrativa <b>74</b>	no Haiti
A Revolução Francesa e o período Napoleônico <b>75</b>	<b>O governo do Diretório } 84</b>
A convocação dos Estados Gerais <b>76</b>	As campanhas de conquista <b>84</b>
A Assembleia Nacional <b>76</b>	O calendário revolucionário francês <b>85</b>
As reformas da Assembleia Nacional <b>77</b>	<b>História em construção 86</b>
A Convenção Nacional <b>78</b>	As revoluções burguesas
A prisão e a execução do rei <b>79</b>	A ascensão de Napoleão <b>87</b>
As facções políticas na Convenção Nacional <b>79</b>	A política interna <b>87</b>
A Convenção girondina <b>80</b>	A política externa <b>88</b>
O governo radical <b>80</b>	O Bloqueio Continental e suas consequências <b>88</b>
A Constituição republicana <b>80</b>	A queda do Império Napoleônico <b>89</b>
<b>História em construção 81</b>	<b>Enquanto isso... 89</b>
A esquerda, a direita e o centro	em Portugal
A radicalização revolucionária <b>82</b>	<b>Explorando o tema } 90</b>
A Reação Termidoriana e o Terror Branco <b>83</b>	O impacto da Revolução Francesa
	<b>Atividades } 92</b>
	<b>Refletindo sobre o capítulo 95</b>

Imagem parcial do sumário do livro didático, onde o Haiti é mencionado.  
Fonte: Divulgação PBLD 2020 FTP.

Na estrutura do Sumário, o Haiti aparece apenas neste capítulo intitulado “A Revolução Francesa e o Império Napoleônico”, com uma menção de “Enquanto isso no Haiti”, sem citar a Revolução no título. Como presente na habilidade EF08HI10, o Haiti e a Revolução são trazidos para a/o estudante no contexto da Revolução Francesa, como uma parte do movimento europeu.

No capítulo em si, essa menção à Revolução Haitiana é realizada em uma caixa informativa. Observe:

<sup>3</sup> A referência completa do livro está listada ao final e o material pode ser acessado pelo seguinte link: [https://issuu.com/editoraftd/docs/vontade-de-saber-historia-mp-8-novo\\_divulgacao](https://issuu.com/editoraftd/docs/vontade-de-saber-historia-mp-8-novo_divulgacao).

**A radicalização revolucionária**

Quando os jacobinos assumiram o poder, a crise financeira da França era intensa e, além disso, regiões economicamente importantes do país se posicionavam contra o governo revolucionário.

Foi nesse contexto que **Robespierre**, conhecido como "o incorruptível", assumiu a liderança do Comitê de Salvação Pública, em julho de 1793. Em agosto desse mesmo ano, Robespierre decretou a mobilização militar em massa, estimulando a população a pegar em armas mais uma vez.

No mês seguinte, Robespierre deu início ao regime que ficou conhecido como **Terror**. Ele criou os comitês revolucionários, que eram responsáveis por prender as pessoas acusadas de serem "inimigas da República". Foram presos suspeitos de serem monarquistas ou partidários dos girondinos.

Nesse período, até algumas pessoas que haviam ajudado Robespierre a chegar ao poder foram executadas. Julgamentos sumários foram realizados em toda a França e milhares de pessoas foram executadas na **guilhotina**.

**A guilhotina**  
Instrumento utilizado para decapitar, isto é, cortar a cabeça dos condenados, a guilhotina foi aprimorada na época da Revolução Francesa.

O objetivo desse aprimoramento era tornar a execução do condenado mais rápida e indolor, visto que os métodos de execução da época do Antigo Regime tinham como objetivo provocar dores imensas e uma morte lenta.

Além disso, a decapitação era vista, naquela época, como uma forma nobre de morrer. A pena de morte e o uso da guilhotina vigoraram na França muitos anos após a revolução, sendo abolidos pelo governo francês somente em 1981.

**A Revolução Francesa**  
André Diniz. São Paulo: Escala Educacional, 2008. (História mundial em quadros).

Conheça nesse livro, por meio da linguagem dos quadros, os principais acontecimentos e personagens envolvidos na Revolução Francesa.

Replica de uma guilhotina francesa do século XVIII.




82

**A Reação Termidoriana e o Terror Branco**

As ações do Comitê de Salvação Pública, engendradas pelos partidários de Robespierre, levaram a um clima de desconfiança que atingiu toda a França e enfraqueceu politicamente os jacobinos. Aproveitando-se da situação, os girondinos retomaram o controle da Convenção. No dia 27 de julho de 1794 (dia 9 Termidor do ano II, no **Calendário Revolucionário**), a Convenção decretou a prisão de Robespierre, executando-o na guilhotina com outros líderes jacobinos.

A Convenção, controlada novamente pelos girondinos, desarmou a população, abrindo caminho para uma vingança generalizada contra os jacobinos e seus partidários. Dessa reação, que ficou conhecida como **Terror Branco**, participaram monarquistas, simpatizantes da Igreja e girondinos.

Robespierre executado na guilhotina. Charge de autoria desconhecida, 1794.




**Enquanto isso... no Haiti**

O Haiti, localizado nas Antilhas, era uma colônia francesa desde 1697. Nela, eram produzidos o açúcar e o café que eram vendidos na Europa. A produção agrícola do Haiti era baseada na mão de obra escravizada africana.

No final do século XVIII, sob influência das ideias iluministas, escravizados haitianos passaram a defender ideais de liberdade e a discutir a abolição da escravidão. A partir de 1791, eclodiram vários movimentos revoltosos formados por escravizados e ex-escravizados. Em 1804, eles expulsaram a elite branca, tomaram o poder e proclamaram a independência do Haiti, a primeira colônia a se tornar independente na América Latina. Esse evento histórico ficou conhecido como **Revolução de São Domingo**.

Toussaint L'Ouverture, líder da Revolução de São Domingo. Pintura de autoria desconhecida, século XIX.



83


Página completa do livro didático onde é mencionada a Revolução de São Domingos.  
Fonte: Divulgação PBLD 2020 FTP.

**Enquanto isso... no Haiti**

O Haiti, localizado nas Antilhas, era uma colônia francesa desde 1697. Nela, eram produzidos o açúcar e o café que eram vendidos na Europa. A produção agrícola do Haiti era baseada na mão de obra escravizada africana.

No final do século XVIII, sob influência das ideias iluministas, escravizados haitianos passaram a defender ideais de liberdade e a discutir a abolição da escravidão. A partir de 1791, eclodiram vários movimentos revoltosos formados por escravizados e ex-escravizados. Em 1804, eles expulsaram a elite branca, tomaram o poder e proclamaram a independência do Haiti, a primeira colônia a se tornar independente na América Latina. Esse evento histórico ficou conhecido como **Revolução de São Domingo**.

Toussaint L'Ouverture, líder da Revolução de São Domingo.  
Pintura de autoria desconhecida, século XIX.



Coleção particular/Everett Historical/Shutterstock.com

Recorte da caixa informativa sobre a Revolução de São Domingos.  
Fonte: Divulgação PBLD 2020 FTP.

Para além das instruções ao professor e algumas citações ao país em outros capítulos para falar da produção cafeeira ou citar o pavor ao "haitianismo" na colônia no Brasil, esta é a única menção e informações voltadas à Revolução que ocorreu no Haiti. E

apesar de não citar a Revolução de São Domingos como consequência direta da Francesa, nesta caixa de texto, ela está sendo dada como influenciada apenas por ideais iluministas (também europeus) e está presente em um capítulo inteiro voltado ao movimento francês. Vale a pena mencionar também que em outro momento no livro didático a palavra utilizada para falar de São Domingos não é Revolução, e sim revolta, conotação que dá outro sentido ao movimento, como um processo marginalizado e que não obteve vitória na sua insurreição.

A forma como as informações sobre o Haiti e a Revolução Haitiana são trazidas então neste material de apoio para o professor, acaba corroborando com uma forma de silenciar a complexidade do movimento que ocorre no Haiti, dos significados que ela alcança e das consequências e influências que essa Revolução teve em toda a América (e ousar dizer, no mundo moderno).

Simone Sulis (2020), que também pesquisa sobre o silenciamento sobre o Haiti no material didático a partir de sua experiência como docente, fala sobre as disputas de narrativas também na elaboração desses conteúdos considerados relevantes para o Ensino de História no Brasil. Ela descreve sobre como esse movimento é também reflexo de uma subalternização de sujeitos e culturas diferentes daqueles que escreveram a história tradicional, criando a ideia de civilizados e não-civilizados, os detentores do conhecimento e da moralidade e os outros, aqueles que ensinam e presenteiam com estas características. Sulis então salienta que é a partir dos estudos da colonialidade que podemos perceber como este processo de desumanização e controle que ocorreu na América incorporou os sujeitos como um todo: que não apenas tiveram seus corpos escravizados, mas seus conhecimentos, saberes, mentes, intelecto.

É a partir do estudo da colonialidade que percebemos a Revolução Haitiana sendo deixada de lado nos materiais didáticos, escondida em pequenos lembretes, como mera curiosidade. E mesmo quando apresentada, de maneira rasa e sem importância, é vista como um desdobramento da Revolução Francesa e de seus ideais de Igualdade, Liberdade e Fraternidade, e nessa versão distorcida há a utilização de ideais superiores e civilizados por povos não-civilizados, barbarizados, inferiores e despreparados para tomar e garantir seu poder nos moldes europeus.

A colonialidade garantiu que os currículos escolares no Brasil mantivessem um ideal europeizante, priorizando conteúdos e abordagens que demonstrem a superioridade europeia, negligenciando as trajetórias dos povos indígenas, africanos, afrobrasileiros, asiáticos, entre outros (SULIS, 2020 p. [3]).

Como vem apontando Trouillot (2016), a transformação da Revolução de São Domingos em um não-evento histórico, sem grandes relevâncias para as relações internacionais ou para o momento histórico, é plano de esconder ainda mais o problema voltado a dívida europeia com as populações negras escravizadas, com a perpetuação do

colonialismo e com o racismo, estrutura derivante da colonização e que perpetua a violência colonial em corpos negros. Silenciando vozes.

Observando todas essas questões, não é difícil imaginar o porque eu não tenho recordações de ter aprendido na escola sobre uma Revolução no Haiti. Não ter ouvido falar sobre uma Revolução organizada, orquestrada, planejada por pessoas que viveram escravizadas, encarceradas, violentadas. Por pessoas que tiveram a sua humanidade rasgada, violada. Suas crenças, línguas, famílias, memórias proibidas, enterradas. Por pessoas que não eram vistas e nem tratadas como pessoas. Por homens e mulheres que foram violentamente arrancados de seus lugares, de suas casas, levados até o outro lado do planeta (quando chegavam vivos), e sujeitos a trabalho forçado, a violação de seus corpos, de suas culturas. Estes mesmos sujeitos, armados com suas ferramentas de trabalho, sua ancestralidade, os resíduos de sua língua e de suas religiões, organizaram sem o conhecimento dos brancos, colonizadores, intelectualizados ocidentalmente, a revolução que romperia com o colonialismo, que estamparia para a Europa que as justificativas para a escravidão eram falsas, por que eles eram humanos, intelectuais, com deuses, línguas, que tinham capacidade de se organizar, de se gerir, de vencer inclusive o temido exercito napoleônico (onde está isso no material didático?).

A questão e reflexões partiram de uma inquietude minha, compartilhada com alguns colegas, mas que pertence a uma cadeia de acontecimentos que remonta sempre aos mesmos atos de violência colonial. É inquietante. Mas quais os caminhos que podemos tomar, como professoras/es e historiadoras/es, para tornar diferente a forma como ensinamos e priorizamos as temáticas? Como podemos colaborar para que novas gerações aprendam também sobre a importância dos movimentos latino-americanos e caribenhos? Como podemos falar sobre a Revolução de São Domingos e respeitar toda essa complexidade histórica e narrativa?

São muitas perguntas e caminhos a percorrer. Não pretendo aqui responder estas perguntas, apenas deixá-las como reflexões para que nós continuemos a buscar possíveis respostas. Os caminhos e estudos da colonialidade estão acontecendo e aumentando muito nas últimas décadas, quem sabe, o primeiro passo, seja nós nos entendermos como sujeitos colonizados e que chegou a hora de contarmos a história novamente, de outras formas, desviando do perigo da história única e mostrando a complexidade, beleza e relevância da multiplicidade narrativa da nossa história.



## **“A Revolução que deu origem ao Haiti”: quadrinhos que podem colaborar com o Ensino de História da Revolução de São Domingos**

Apesar de não conseguir responder todas as inquietações referentes ao silenciamento sobre a Revolução Haitiana e a forma como podemos romper com ele em sala de aula aqui no Brasil, acredito que um dos caminhos é que nós, em nossa formação como historiadoras/es e professoras/es, tendo maior acesso às teorias e estudos da colonialidade, priorizando o contexto latino-americano e a forma como os/às nossas/os intelectuais elaboram essa história, já é um começo para o desconforto e a busca da mudança.

Para além do maior acesso a outras formas de narrativa, precisamos conseguir acessar diferentes materiais sobre a temática. No entanto, concordo com o que manifesta Simone Sulis (2020) sobre a forma como nos sentimos, como professoras/es, quando tentamos buscar materiais para trabalhar a Revolução Haitiana: silêncio.

Foi a partir de uma inquietação relacionada à minha prática docente e aos materiais disponíveis para utilização com os alunos de 8 Ano do Ensino Fundamental que senti a necessidade de buscar pela História da Revolução Haitiana. Mas infelizmente me deparei com a falta, o silêncio e o vazio nos livros didáticos disponíveis. Era impossível corrigir erros ou distorções de informações, pois o que havia ali era “o invisível”, era o “não-haver”. Os diferentes processos de independência da América eram abordados no material didático, mas a Revolução Haitiana, singular, diferenciada e com tamanha importância, ocupava o pé da página, na seção “Para saber mais” (SULIS, 2020. p. [1-2]).

Então, quando nos deparamos com essa ausência, este “não-haver” no material didático disponível, ao que recorremos? E é aqui que outro ponto relacionado ao silenciamento dificulta ainda mais as possibilidades: não é apenas no Ensino e no material didático que existe esta falta, ela está presente nas esferas de pesquisa, de tradução e de diferentes narrativas que chegam até nós no Brasil de forma acessível.

Felizmente, na última década, os estudos que pensam Haiti e Caribe vêm se multiplicando no Brasil: as pesquisas acadêmicas, as traduções de teorias e literaturas, a presença de projetos culturais e artísticos. Esse aumento significativo sobre o Haiti representa, conseqüentemente, um interesse maior na história da Revolução. Um dos principais motivos deste movimento pode estar ligado com o processo de migração em larga escala que ocorreu do Haiti ao Brasil na década de 2010. A chegada da população haitiana no Brasil, além de trazer consigo, de forma física, a presença cultural do país, traz também sua identidade, sua história e sua luta. Essa produção e aumento de estudos e informações sobre o Haiti vem ocorrendo por nossa parte, brasileiros, e também por

eles e elas, haitianos/as, o que nos dá acesso mais direto ao que buscamos aqui: a narrativa haitiana da própria revolução.

A partir do contato de pesquisa com o Haiti e sua história, passei a ter contato com uma diversidade de materiais que não só facilitaram a compreensão de diversas questões relacionados ao processo de Revolução Haitiana, mas também proporcionaram diferentes olhares e narrativas sobre o país, possibilitando uma crítica sobre o poder da escrita da História: quem contou a história do Haiti até pouco tempo atrás? Estamos ouvindo e conhecendo as novas narrativas, de haitianos que contam a sua própria história? A Oralidade é um elemento muito presente na cultura haitiana, herança também africana, a partir da cultura dos *griots*. Atualmente, além da maior possibilidade de metodologias que atendem a oralidade, como a História Oral, temos a cada vez maior presença da população haitiana produzindo sobre si, sendo traduzida e alcançando diversos lugares do mundo.

Pensando na realidade de sala de aula e de quais destes materiais poderiam ser mais interessantes para adequar a diferentes realidades - contextos escolares e de idade - e tornar a temática mais interessante e construtiva para os estudantes, se destaca na minha perspectiva a recente obra de autoria do historiador Laurent Dubois em parceria com o ilustrador Rocky Cotard, que é uma história em quadrinhos denominada, em português, “A Revolução que deu origem ao Haiti”.

A história desta publicação iniciou em 2017, quando a The Nib, que é uma publicação estadunidense de quadrinhos com enfoque político, convidou o historiador também estadunidense e especialista em estudos sobre o Haiti, Laurent Dubois, a escrever uma história em quadrinhos sobre a Revolução Haitiana. Após algumas tentativas de encontrar artistas para compor a parte visual da história, teria sido a famosa autora literária haitiana que vive nos Estados Unidos, Edwidge Danticat, quem indicou os trabalhos de Rocky Cotard, um artista haitiano com grande talento, que abraçou sua experiência com o Caribe e aceitou a proposta. Sua publicação original foi em inglês em 2018 e logo o material passou a ser usado como material de apoio em ensino, tanto básico como em ensino superior.

Nos anos seguintes, com o apoio da Forum for Scholars and Publics (FSP), houve o esforço de traduzir essa obra para outras línguas para maior circulação do trabalho. A publicação em crioulo haitiano, sendo lançada no dia 1º de janeiro de 2021, em comemoração ao dia da independência haitiana, e em 18 de maio foi lançada no Brasil

em português, para coincidir com o Dia da Bandeira do Haiti<sup>4</sup>. O cuidadoso trabalho de tradução para a versão em português foi realizado por Bethânia Pereira, Felipe Cittolin Abal e Rodrigo C. Bulamah.



Capa do livro “A Revolução que deu origem ao Haiti”.  
Fonte: Forum for Scholars and Publics.

Com livre distribuição em formato PDF<sup>5</sup>, esse livro passa a ser uma das ferramentas possíveis de se utilizar em sala de aula para conversar sobre a Revolução Haitiana com diferentes idades. Em síntese, a obra busca trazer, em 10 páginas e 30 quadrinhos, o contexto da Revolução Haitiana, onde ela está localizada historicamente e como ela foi vista e divulgada internacionalmente. Os autores buscaram apresentar e

<sup>4</sup> Acesso à cerimônia de lançamento no Brasil reunindo o autor, tradutores e pesquisadores da temática:

[A Revolução Haitiana: do impensável aos quadrinhos](#)

<sup>5</sup> As obras, em todos os idiomas, estão disponíveis no seguinte link: <https://fsp.duke.edu/projects/haiti-comic/>

priorizar os elementos culturais haitianos, a presença das mulheres no movimento e organização da revolta e a perspectiva dos revolucionários, a sua narrativa sobre a história.

Os autores também citam a Revolução Francesa e a forma como ela chega aos ouvidos dos revolucionários, mas ao contrário dos livros didáticos, não sinaliza a Revolução Haitiana como uma consequência dela, apenas como mais um elemento que influencia o movimento. Os autores expõem também a forma como a Revolução foi desacreditada naquele momento pelos brancos colonizadores, como a ideia de que negros escravizados não poderiam ter realizado tais feitos, e na sua incredulidade da sua obstinação pela luta pela liberdade e pela abolição da escravatura.

A Revolução  
Haitiana foi  
frequentemente  
representada à  
época — e desde  
então —  
como algo  
bárbaro,  
tendo as vítimas  
brancas como  
mártires.



Muitos  
zombaram da  
ideia de  
que negros  
poderiam se  
autogovernar  
ou sequer  
entender  
o que  
era  
liberdade.

Quadrinho da obra que demonstra como os colonizadores representaram a Revolução de São Domingos, como uma barbárie e zombaria pelos seus ideais de liberdade.  
Fonte: Forum for Scholars and Publics.

Esta obra sinaliza também os nomes dos líderes do movimento haitiano e dá a devida relevância ao processo de organização que ocorre por parte da população negra. É interessante também que os quadrinhos salientam a vitória dos revolucionários contra o exército napoleônico, tido como grande poderio militar da época, para revelar a força desta população em busca da sua liberdade.

É então uma história curta, mas que possui uma quantidade grande de elementos a serem debatidos, uma narrativa que respeita a importância da Revolução para o rompimento com o colonialismo, a escravidão e o racismo. Um material que dá suporte didático, visual e de conteúdo, para uma aula sobre a Revolução. Desta forma, como

resultado, deixo um plano de aula como um possível caminho para trabalhar a Revolução Haitiana no 8ª ano do Ensino Fundamental, a partir desta história em quadrinhos.



Quadrinho final que mostra uma dos líderes da Revolução, Jean-Jacques Dessalines em frente a bandeira haitiana, que tem as mesmas cores da francesa, apenas sem a parte branca.  
Fonte: Forum for Scholars and Publics.

## **Plano de aula: A Revolução Haitiana como precursora da liberdade na América**

### **1.0 - Dados de Identificação:**

**Nível de Ensino:** Fundamental.

**Ano:** 8º.

**Matéria:** História.

**Duração da aula:** 3 aulas - 45 minutos/aula.

**Quantidade estimada de alunos:** Aproximadamente 25 alunos.

## **2.0 - Conteúdo:**

- Independências nas Américas: A Revolução Haitiana

## **3.0 - Objetivos da aula:**

- Apresentar os aspectos gerais da Revolução de São Domingo, no Haiti;
- Discutir os acontecimentos e consequências da Revolução para a América;
- Debater as questões referentes a ideia de liberdade;
- Dialogar sobre o colonialismo e suas formas de dominação ainda no presente;

## **4.0 – Procedimentos:**

Aula será em quatro momentos:

1º momento- Apresentando o Haiti

Para realizar a reflexão sobre o silenciamento colonial no presente, pensando o caso do Haiti, iniciar a aula com o seguinte questionamento direcionado aos estudantes: “Quando vocês pensam em Haiti, o que vocês sabem?”. Escrever no quadro as principais informações que serão dadas pelos estudantes, que, considerando as informações veiculadas na mídia, provavelmente estarão ligadas com as ideias de pobreza, fome e miséria. Essa coleta de informações ficará ali no quadro para que se possa retornar e conversar posteriormente. Em um mapa físico (ou projetado em power point), localizar geograficamente o Haiti e o Caribe, explicando seu espaço na América e salientando o Haiti como colonizado pela França e sua colônia de maior produção.

2º momento- Discutindo Revolução e Liberdade

No segundo momento, questionar se alguém tem ideia de como se deu o processo de independência do Haiti e se alguém já ouviu falar sobre a Revolução Haitiana. Em seguida, distribuir uma versão impressa (ou projetar em power point, a depender das condições de cada escola) a história em quadrinhos “A Revolução que deu origem ao Haiti”, de Laurent Dubois e Rocky Cotard. De maneira coletiva, ler e discutir sobre a história representada ali. De acordo com as dúvidas e oportunidade, contextualizar com outras questões discutidas previamente em sala de aula. Pretende-se salientar o rompimento com o colonialismo, o racismo nas impressões e narrativas europeias, os ideais de liberdade e a grande capacidade organizacional e militar dos revolucionários.

3º momento- O isolamento do Haiti pós-Revolução

Para contextualizar e retornar ao quadro, onde estão as impressões dos estudantes sobre o Haiti antes do debate, contextualizar, após a leitura da história em quadrinhos, o isolamento comercial planejado pela França, como forma de penalizar os revolucionários pelo ato. Comentar também sobre a dívida imposta pela França como pagamento pela liberdade, que também colaborou para um declínio econômico do Haiti. Por fim, após estes questionamentos, retorno as impressões que estão no quadro e relaciono elas com o silenciamento sobre as narrativas dos haitianos sobre a sua Revolução e as novas tentativas de dominação e punição realizadas pela França e outras coroas.

#### 4º momento: A avaliação

Como avaliação, utilizaremos novamente a história em quadrinhos “A Revolução que deu origem ao Haiti”, de Laurent Dubois e Rocky Cotard. A avaliação iniciará em aula e será finalizada- apresentada na próxima aula. A turma poderá ser dividida em 4 grupos. Cada um destes grupos deverá escolher alguns dos elementos trabalhados na história em quadrinhos para apresentar um pequeno cartaz na próxima aula, que será exposto em sala de aula. Serão sugeridas, a partir dos quadrinhos, algumas temáticas:

Tema 1) Líderes da Revolução Haitiana: Conhecendo Toussaint L’Ouverture e Jean-Jacques Dessalines

Tema 2) Liberdade: a Revolução de escravizados que aboliu a escravidão

Tema 3) Racismo colonial: Revolução Haitiana e o autogoverno negro

Tema 4) O Haiti hoje: reflexos de um país silenciado

Os grupos deverão pesquisar e elaborar um cartaz informativo sobre estes temas. Terão a próxima aula para finalizar e organizar uma apresentação breve, de 5 minutos.

#### **5.0 – Recursos:**

Quadro, mapa, powerpoint, impressões, cartolinas, canetões, lápis de cor, canetas coloridas.

#### **6.0 - Avaliação dos alunos:**

A partir dos questionamentos e debates em sala de aula, a avaliação se dá em um processo constante, revelando o capital cultural e a construção do conhecimento histórico dos alunos, da análise reflexiva e considerações sobre a problemática. Também, considera-se a capacidade de conexão entre a realidade da conjuntura do aluno em

relação ao contexto estudado. E por fim, a avaliação dos grupos a partir dos trabalhos elaborados, da apresentação e da demonstração de compreensão das temáticas.

## 8.0 - Referências bibliográficas:

BITTENCOURT, Circe et al (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 175 p.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 408 p.

DUBOIS, Laurent; COTARD, Rocky. **A Revolução que deu origem ao Haiti**. Carolina do Norte, Eua: Forum Fos Scholars And Publics, 2021. 10 p. Traduzido por Bethânia Pereira, Felipe Cittolin Abal e Rodrigo C. Bulamah. Disponível em: [https://sites.duke.edu/visionaryaponte/files/2021/05/Haitian-Revolution\\_POR.pdf](https://sites.duke.edu/visionaryaponte/files/2021/05/Haitian-Revolution_POR.pdf). Acesso em: 07 jul. 2022.

JAMES, C. L. R.. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2010. 396 p. Tradução Afonso Teixeira Filho.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Curitiba: huya, 2016. Tradução de. Sebastião Nascimento.

## Considerações finais

Início este artigo com alguns questionamentos teoricamente simples sobre o Haiti, questões sobre localização e informações que costumamos saber sobre a maioria dos países da América e da Europa. A população haitiana que vive no Brasil relata que frequentemente recebe estes questionamentos da população brasileira, e a reflexão que podemos fazer disso, ao final dos temas debatidos aqui, é de que não são questionamentos assim tão simples. Esta desinformação e distorção de informações em torno do Haiti no presente, são os reflexos dolorosos e violentos de um sistema que mesmo depois do seu fim, na teoria, continua definindo as relações de poder e as narrativas que são contadas sobre estas relações. O colonialismo está presente em cada uma destas questões, muitas vezes preconceituosas, em relação ao Haiti.

Dois pontos centrais podem ser destacados nas reflexões que realizo: a primeira delas é de que não há como negar a relevância histórica do processo Revolucionário que ocorre no Haiti para a história do próprio país, mas também da história do Caribe, da América e da Europa. Apesar de não aprofundar aqui os aspectos diretos do processo revolucionário (como se deu minuciosamente a organização dos eventos), as questões



simbólicas do evento da Revolução de São Domingos já são suficientemente relevantes para que seja um tema central nas histórias desses locais.

O segundo ponto que acredito ter ficado evidenciado é de que ocorre um silenciamento dentro do âmbito das narrativas históricas sobre esse evento, como refletem intelectuais e historiadores como Trouillot. Este ponto é importante para a seguinte reflexão: silenciar e perpetuar esse silenciamento com novas formas de neocolonização do conhecimento e da intelectualidade, é uma forma de silenciar uma outra perspectiva desta história, é negar outras formas de ver e contar a história, não apenas do Haiti, mas de todos os outros lugares que foram influenciados pela Revolução. Em outras palavras, invisibilizar a revolução que rompeu com o sistema colonial na América, é invisibilizar e diminuir todas as outras tentativas de insurreição e de lutas pela abolição da escravatura, das tentativas de liberação dos países da exploração e tutela colonial, e de todas as outras formas de tentar ver-se livres da imposição de poder e cultura europeia na América. Silenciar a Revolução de São Domingos é silenciar as lutas da América, é silenciar gritos de dor e revolta, é silenciar a América.

Sendo assim, observar a forma como a temática é trabalhada no Ensino Básico no Brasil é uma forma de observar como esse silenciamento ainda ocorre de forma bem-sucedida. As questões que trago neste artigo referentes a falta de atenção ao evento da Revolução de São Domingos nos projetos e materiais educacionais são uma forma de demonstrar como ainda somos tutelados quando o assunto é: qual narrativa vai ser contada. A ligação do Ensino no Brasil com a perspectiva eurocêntrica acaba se tornando uma ligação perigosa para nós mesmos e para as nossas identidades latinas e caribenhas: continuamos nos vendo na perspectiva daqueles que nos colonizaram.

Desta forma, é necessário que nós repensemos a forma como olhamos para os eventos históricos. Acredito que, como já comentei, os estudos da colonialidade e decoloniedade vem proporcionando espaços necessários para que estas novas perspectivas tenham mais notoriedade no âmbito intelectual e do conhecimento, passamos agora a olhar com maior atenção para a nossa própria história e principalmente, para quem conta a história.

Mas ainda há muito caminho a percorrer quando observamos este movimento. Ainda estamos em um momento que os estudos da colonialidade estão ocorrendo dentro do âmbito universitário, em pesquisas específicas. Os próximos passos, quem sabe, sejam tornar esses conhecimentos mais acessíveis, iniciando com as reflexões nos processos de formação de professores, não podendo ficar restrita a pessoas que decidam pesquisar nestas linhas, mas parte dos currículos, principalmente nos cursos de História e

das outras ciências sociais. É a partir da escola que ocorre a democratização do conhecimento. Desta forma, com uma formação mais reflexiva de professores, possivelmente teremos maiores espaços para estes debates em sala de aula e assim, acesso de todas as pessoas escolarizadas a outras narrativas históricas. O maior espaço destes debates na formação de professores pode gerar também maior pressão para que este tema da Revolução e outros que nos façam pensar o contexto latino-americano sejam mais presentes nas temáticas obrigatórias, conseqüentemente o maior espaço delas nos currículos da Educação Básica Brasileira, maior produção de material didático sobre os temas.

Enquanto estamos conhecendo os caminhos para uma forma diferente de contar as narrativas históricas da América e do Caribe, vamos encontrando alternativas de acessar e romper, mesmo que em pequenos movimentos, os silenciamentos implantados pelo colonialismo. No caso do Haiti e da sua Revolução, ainda temos muito a conhecer e aprender com esta história e aqueles sujeitos que realizaram um dos maiores movimentos contra uma das maiores violências registradas na nossa história. Ainda estamos em tempo de buscar mais e conhecer outras narrativas, aquelas onde este evento não apenas existe, como marca toda uma nova etapa da história do continente, da história da escravidão e principalmente, da liberdade. Para refletir mais uma vez com Chimamanda Adichie, ela nos diz que:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019. p.8).

Os nossos próximos passos, como historiadoras/es e professoras/es, seja, quem sabe, andar no caminho do reparo destas dignidades.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 49 p. Tradução de Julia Romeu. Adaptação em livro de palestra proferida no TED Talk em 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARPENTIER, Alejo. **El reino de este mundo**. México: Compañía General de Ediciones, S.A., 1973. 52 p. Digitalizado por Chimango. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/dl/979256/2e4a74>. Acesso em: 14 dez. 2021.

CÉSAIRE. Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Anísio Garcez (trad.). Florianópolis:

Letras Contemporâneas, 2010, 1a reimpressão.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Vontade de Saber: história**: 8º ano: ensino fundamental: anos finais. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018. 272 p. Disponível em:

[https://issuu.com/editoraftd/docs/vontade-de-saber-historia-mp-8-novo\\_divulgacao](https://issuu.com/editoraftd/docs/vontade-de-saber-historia-mp-8-novo_divulgacao).

Acesso em: 13 jul. 2022.

DUBOIS, Laurent; COTARD, Rocky. **A Revolução que deu origem ao Haiti**. Carolina do Norte, Eua: Forum Fos Scholars And Publics, 2021. 10 p. Traduzido por Bethânia Pereira, Felipe Cittolin Abal e Rodrigo C. Bulamah. Disponível em:

[https://sites.duke.edu/visionaryaponte/files/2021/05/Haitian-Revolution\\_POR.pdf](https://sites.duke.edu/visionaryaponte/files/2021/05/Haitian-Revolution_POR.pdf). Acesso em: 07 jul. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008. 194 p.

HANDERSON, Joseph. Diásporas negras no contexto pós-colonial: dialogando com intelectuais haitianos. Educere Et Educare: **Revista de Educação**, Cascavel Pr, v. 10, n. 20, p.5377-548, dez. 2015. Semestral. Disponível em:

<http://erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/12595/9009>.

Acesso em: 20 set. 2019.

HANDERSON, Joseph. **Haiti**: uma história de lutas silenciadas que podem ser ainda sufocadas na pandemia. [Entrevista concedida a] João Vitor Santos. Instituto Humanitas, Unisinos. Maio, 2020. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/599187-haiti-uma-historia-de-lutas-silenciadas-que-podem-ser-ainda-sufocadas-na-pandemia-entrevista-especial-com-handerson-joseph>. Acesso em: 15/07/2021

HANDERSON, Joseph. Vodou no Haiti- Candomblé no Brasil: Identidades culturais e sistemas religiosos como concepção de mundo afro-latino-americano. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

JAMES, C. L. R.. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010. 396 p. Tradução Afonso Teixeira Filho.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. Tradução de Jess Oliveira.

MATIJASCIC, Vanessa Braga. Haiti: Uma história de instabilidade política. **Anais do XX Encontro Regional de História**: História e Liberdade, Franca, p.1-16, set. 2010. Anual. Disponível em:

[http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CDXXEncontro/PDF/Autores\\_e\\_Artigos/VanessaBragaMatijascic.pdf](http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CDXXEncontro/PDF/Autores_e_Artigos/VanessaBragaMatijascic.pdf). Acesso em: 22/03/2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-130. Disponível em: [encurtador.com.br/ituAM](http://encurtador.com.br/ituAM) Acesso em: 12 set. 2019.

ROJO, Antonio Benítez. **La isla que se repite: el Caribe y la perspectiva posmoderna.** Hanover: Ediciones del Norte, 1989.

STAUDT, Taíse. **"Senhores do Orvalho" na Bagagem: a literatura na experiência de haitianos no Brasil.** 2022. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6643>. Acesso em: 13 jul. 2022.

STAUDT, Taíse. **Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil.** Chapecó: Ed. do Autor, 2020. 147 p.

SULIS, Simone Lima Nicolau. As marcas da colonialidade no Ensino de História sobre o Haiti: uma análise sobre resistir à invisibilização imposta pela negação do outro, seus saberes e poderes em sala de aula. **XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino da História: Histórias, Memórias e Projetos para o Ensino de História no Brasil**, [N/I], p. 1-10, nov. 2020. Disponível em: [https://www.perspectivas2020.abeh.org.br/resources/anais/19/epeh2020/1606231468\\_ARQUIVO\\_948b80c0322f0cf1a996ed22bbfcec71.pdf](https://www.perspectivas2020.abeh.org.br/resources/anais/19/epeh2020/1606231468_ARQUIVO_948b80c0322f0cf1a996ed22bbfcec71.pdf). Acesso em: 13 jul. 2022.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história.** Curitiba: huya, 2016. Tradução de. Sebastião Nascimento.